



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Trabalho, questão social e serviço social.

MEMÓRIA SOCIAL E HISTÓRICO DA SAÚDE NA UNIDADE DE ATENÇÃO SECUNDÁRIA: EXPERIÊNCIA DA INSTRUMENTALIDADE DA COMUNICAÇÃO SOCIAL NA PRÁTICA PROFISSIONAL, O DOCUMENTÁRIO COMO RESGATE DA MEMÓRIA HISTÓRICA NO CAMPO DE ESTÁGIO NA SAÚDE

Ana Paula Silva Peres da Conceição¹
Matheus Jose Costa Gouveia²
Wanilsa Mota de Oliveira³

Resumo: Este trabalho tem a finalidade de sintetizar o aprendizado teórico-prático no âmbito do ensino universitário, na experiência de estágio e também analisar uma intervenção de cunho pedagógico no aprendizado supervisionado. Assim, coloca como meio a sistematização parcial do projeto de intervenção de Estágio nível IV, no qual debruça sobre a construção de um documentário e material escrito como nova ferramenta profissional, possível ao assistente social para comunicação social. Indicam-se, assim, as projeções e organizações para uma atuação planejada em meio a finalidades determinadas a novas amplitudes criativas para a intervenção profissional.

Palavras-chave: Saúde; Serviço social; Estágio universitário; Comunicação social.

Abstract: This work has the purpose of synthesizing theoretical-practical learning in the scope of university teaching in the experience of internship and also analyzing an intervention of pedagogical nature in supervised learning. Thus, it puts as a means the partial systematization of the stage IV intervention project, in which it focuses on the construction of a documentary and written material as a possible new professional tool for the social worker for social communication. The projections and organizations are thus indicated for a planned action in the midst of determined ends to new creative amplitudes for the professional intervention.

Key Words: Health; Social work; University internship; Social communication.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é construído a partir da experiência vivenciada em uma unidade de atenção secundária no Rio de Janeiro, no processo de estágio supervisionado em Serviço Social. Em meio à análise institucional dos estagiários, encontraram-se dificuldades referentes às principais fontes de pesquisa da memória da unidade de saúde e do Serviço Social, assim como se descobre as principais expressões da *questão social*⁴ na instituição.

¹ Estudante de Graduação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, E-mail: anapaulaperesservicosocial@gmail.com.

² Estudante de Graduação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, E-mail: anapaulaperesservicosocial@gmail.com.

³ Profissional de Serviço Social, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, E-mail: anapaulaperesservicosocial@gmail.com.

⁴ A *questão social*, segundo Iamamoto (2008, p. 119), é entendida como “[...] é indissociável da sociabilidade capitalista fundada na exploração do trabalho, que a reproduz ampliamente. Ela envolve uma arena de lutas políticas e culturais contra as desigualdades socialmente produzidas. Suas expressões condensam múltiplas desigualdades, mediadas por disparidades nas relações de

Desafiados a pensar como seria o melhor caminho para tratar de questões inerentes à prática profissional que nos possibilitassem articular, de modo a intervir na realidade, com a bagagem teórica apreendida até este momento, na disciplina de OTP e Estágio Supervisionado IV, surgiu a iniciativa do projeto de intervenção intitulado “Memória Social e Histórico da Saúde na unidade de atenção secundária”.

Este projeto é feito em processo conjunto entre os discentes da UERJ e UFRJ, tendo como objetivo resgatar a memória social, tanto da unidade de saúde, como do Serviço Social ao longo dos anos, assim como analisar o sucateamento do SUS e da saúde que se acirrou com as medidas neoliberais.

Este relato de experiência se iniciou em agosto de 2018, será concluído em julho de 2019 e tem a intenção de problematizar os desafios vivenciados na implementação de um projeto de intervenção por estagiários de graduação do serviço social, servindo como um monitoramento da intervenção que está em processo.

DESENVOLVIMENTO

O primeiro desafio posto aos discentes foi explicar às supervisoras acadêmicas a importância do trabalho em equipe entre duas instituições diferentes, o que agregou muito ao trabalho, pois ambos tinham suas particularidades e expectativas em relação ao projeto.

Nessa perspectiva, com a ajuda das assistentes sociais do campo, começamos a pensar como poderia se iniciar o projeto de intervenção. Iniciamos os trabalhos delimitando qual seria a finalidade real a ser obtida com esse projeto e como este objetivo poderia ser alcançado. Entendemos que só a parte escrita não traria características inerentes ao projeto de intervenção, portanto foi decidido que o projeto trataria de 2 frentes de atuação: a primeira seria o material escrito sobre o resgate da memória social do serviço social na unidade e, a segunda, seria um vídeo documentário curto feito com profissionais e usuários a partir de suas vivências na unidade de atenção secundária.

Nesse processo, começamos a remontar a trajetória da unidade, a partir da data de sua inauguração em 1950, mas, neste percurso, descobrimos junto à administração do prédio que a certidão do 13^a andar consta de 1948. Não sabemos ao certo se as atividades começaram nesta data, pois, na certidão, não vem dizendo o início das atividades, mas é um fato a ser levado em consideração.

A partir da data de 1950, demos início à procura de profissionais e usuários que atuaram junto à unidade desde esse período até os dias atuais.

Utilizamos da memória das assistentes sociais do campo para fazer o levantamento dos profissionais e usuários que poderíamos entrevistar. Após o levantamento dos profissionais e usuários, decidimos fazer uma reunião coletiva no auditório da unidade

gênero, características étnico-raciais e formações regionais, colocando em causa amplos segmentos da sociedade civil no acesso aos bens da civilização.

de atenção secundária e convidar alguns profissionais que passaram pela anuidade ao longo desses anos.

A primeira reunião ocorreu no dia 10 de outubro de 2018, no auditório da unidade de atenção secundária e contou com diversos profissionais. Cada profissional contou sua experiência na unidade e, assim, se deu esse processo de trabalho pontuando sobre a equipe, espaço físico, relação de poder. A segunda reunião foi marcada para janeiro de 2019 e não teve comparecimento de nenhum profissional convidado. Então, nessa reunião, a equipe presente no dia, que era composta pelas assistentes sociais de campo e pelos estagiários, resolveu tratar de alguns elementos presentes no projeto, como delimitação dos objetivos, estruturas e cronograma.

Nas duas reuniões, foi oferecido um lanche, que foi organizado pela própria equipe do Serviço Social. Houve gravação de imagem na primeira reunião e, na segunda, como não houve comparecimento dos profissionais convidados, não foi feita gravação nesse dia.

O processo de construção do projeto, em primeiro momento, estabeleceu-se ao mesmo tempo com gravações e parte escrita, e os encontros para execução da parte teórica do projeto aconteceram na UERJ e UFRJ, principalmente no período das férias. Algumas partes pontuais foram escritas na unidade de atenção secundária com a ajuda da equipe.

Esse processo de gravação foi um dos que mais nos consumiu tempo, pois houve dificuldade de adequar o horário dos entrevistados com os nossos.

Nesse processo dinâmico, para dar mais visibilidade às questões relacionadas à garantia de direitos à saúde, resolvemos gravar espaços de lutas e resistências, assim como espaços de debate e conflitos. Então, juntamente com as supervisoras de campo, nos articulamos com usuários para estar em espaços onde essas questões seriam debatidas. A partir daí, fomos a 2 reuniões no Conselho Distrital de saúde da área 1.0, da qual a unidade de atenção secundária faz parte e fomos até o vereador do PSOL, junto com usuários para tratar de questões inerentes ao possível fechamento da unidade. Em todos esses espaços, foi feita uma breve apresentação da finalidade do trabalho e perguntado sobre possibilidade de gravação de vídeo, assim como também sobre o termo de cessão de imagem de áudio e vídeo que seria fornecido a quem quisesse participar.

Vários imprevistos aconteceram na construção do projeto como, por exemplo, o fato de decidirmos encaminhá-lo ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), o que demandou mais tempo, pois tivemos que adequá-lo.

As gravações seguiriam até maio, mas, por dificuldades na gravação, como dificuldades de acessar e marcar com alguns profissionais, além de horário incompatível, está sendo estendida até junho, o que compromete a exibição no final do período em ambas as faculdades.

O processo de edição também tem sido complicado, uma vez que o discente da UFRJ está se apropriando desse instrumento para executar o trabalho e isso leva tempo, o que está nos faltando nesse período letivo.

Em relação aos recursos, como consta na íntegra do projeto, serão necessárias 3 salas com projetor para exibição do vídeo documentário curto. Essas salas serão utilizadas nos 3 espaços previstos para exibição, UERJ, UFRJ e unidade de atenção secundária. Esses recursos não terão custos e serão disponibilizados pelos respectivos locais de exibição. Além desses recursos materiais, também está sendo utilizada uma câmera profissional com tripé fornecida sem custo por um amigo do discente da UFRJ, que também está colaborando na edição dos vídeos. Os outros recursos como computador, pen drive, dinheiro para xerox estão sendo custeados pelos próprios autores, com alguma ajuda da equipe de campo.

A maior preocupação dos discentes e da equipe no momento atual é com a finalização das gravações que deve ocorrer na semana entre 10/06/19 a 30/06/19, pois, com esse cronograma, não sabemos se esse tempo será hábil para edição, exibição e avaliação do projeto.

O tempo realmente tem sido fator crucial nesse projeto, mas, entendemos que a realidade é dinâmica e trabalhamos com questões que fogem a nossa vontade. Também entendemos que à medida que remontamos nossa história como sujeitos, melhoramos nosso futuro e fortalecemos a unidade que está sofrendo risco de realocação de suas atividades.

A respeito dessa realocação que a unidade de atenção secundária pode sofrer, analisamos como pulverização das atividades e dos projetos estabelecidos até então entre profissionais e usuários, principalmente entre o Serviço Social e a infectologia.

Esse projeto se tornou uma ferramenta de luta no fortalecimento do Sistema Único de Saúde na unidade, pois, em uma conjuntura de desmonte e sucateamento, debater com usuários e profissionais o seu papel na luta pela saúde é de extrema importância e vai de encontro à função pedagógica do Serviço Social que, na unidade de atenção secundária, luta contra a lógica da saúde como favor, tentando viabilizar a noção de saúde como direito. Nesse contexto, conforme nos sinaliza Iamamoto:

“O Assistente Social atua no campo social a partir de aspectos particulares da situação de vida da classe trabalhadora, relativos à saúde, moradia, educação, relações familiares, infraestrutura urbana etc. É a partir dessas expressões concretas das relações sociais no cotidiano da vida dos indivíduos e grupos que o profissional efetiva sua intervenção”. (IAMAMOTO; CARVALHO, 2014 p.123).

Nesse cenário de retrocessos, é de suma importância para os assistentes sociais que caminhem na direção da efetivação de direitos e resistência, face ao desmonte e

sucateamento impetrados nos pilares da Seguridade Social dos quais a saúde faz parte, criando possibilidades de debates junto aos usuários para juntos se articularem pela defesa do Sistema Único de Saúde, almejando uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, esse relato da experiência, vivida no processo de criação e implementação do projeto de intervenção, possibilitou a utilização de um instrumento novo à profissão, como o vídeo documentário e possibilitou um debate com os usuários a respeito da saúde pública, reafirmando o acesso à saúde como direito, colocando como intenção a consolidação da prática pedagógica contínua do serviço de saúde na instituição em meio à conjuntura atual do país.

CONCLUSÃO

Diante do processo exposto, a temática de instrumentos comunicativos coloca novos desafios ao acúmulo da categoria dos Assistentes Sociais, assim como confirma como a comunicação no Serviço Social pode construir grandes discussões para a categoria profissional, quando relatos de experiência, análises de projetos interventivos em direções semelhantes e reflexões acadêmicas nestas direções expõem as potencialidades comunicativas no Serviço Social como já sistematizados pela categoria profissional. (RUIZ, J. L. S. ; SALES, M. A. CORTEZ, 2009). Ao trazer o debate comunicativo ao âmbito do Serviço Social, também devemos pensá-los na amplitude de sua “instrumentalidade” (GUERRA, 2009), ou seja, nas sínteses das dimensões teóricas-metodológicas, técnicas-operativas e éticas políticas em meio ao porquê, pra quê e o como. Deste modo, temos que pensar este como construção de habilidades em meio às finalidades da atuação (GUERRA, 2009). A comunicação-popular ainda não comparece legalmente em meio as nossas competências e em meio a lei da categoria profissional dos Assistentes Sociais (BRASIL, 1993). Porém, para entendermos no âmbito das mesmas competências e habilidades requisitadas em nosso cotidiano, faz-se necessário entendê-las no âmbito da construção histórica em cada particularidade de consolidação, frente à prática profissional construída assim e também entendê-la em novas requisições e demandas sobre o cotidiano da prática profissional e suas reconstruções históricas em cada experiência vivida na prática profissional no âmbito institucional (IAMAMOTO Apud CFESS, 2012).

Novamente, a partir da análise da instrumentalidade e a comunicação popular imbricada na prática profissional, pode-se observar como já dito que esta competência pode ser historicamente alcançada, conforme nossas competências:

“Ao despender da base histórica pela qual a profissão surge, o Serviço Social pode qualificar-se para novas competências, buscar novas legitimidades, indo além da mera requisição instrumental-operativa do mercado de trabalho.” (GUERRA, 2000, p15).

De forma final, podemos concluir que os instrumentos comunicativos são de grande potência para a realidade vivenciada pelos estudantes e profissionais em Serviço Social, colocando como possibilidade e desafio a capacidade de podermos deles nos apropriar para potencializarmos nossos compromissos éticos, ações técnicas e nossas competências.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº8.662, de 7 de junho de 1993. Acessado em 01.06.2019 em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8662.htmGUERRA, Yolanda. A instrumentalidade no Trabalho do Assistente Social. In: Caderno de Formação de Capacitação Continuada para Assistentes sociais, MOD 4:. O trabalho do assistente social e as políticas públicas,UNB,2000. Base de palestra ministrada no Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais, BH, Maio, 2007. Acessado em 22-06-2019 <<http://unesav.com.br/ckfinder/userfiles/files/Yolanda%20Guerra%20instrumentalid.pdf>

IAMAMOTO, M. V. & CARVALHO, R. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil 40.ed – Editora Cortez, São Paulo 2014.

IAMAMOTO, Marilda V. Mundialização do capital, “questão social” e Serviço Social no Brasil. Revista em Pauta, nº21, 2008. Acesso 06/08/2018 em: <<http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/8j7F236BNGDj5r58l1Ax.pdf>>

IAMAMOTO, Marilda Villela. Projeto Profissional, espaços ocupacionais e trabalho do(a) Assistente Social na atualidade.IN:Atribuições Privativas do(a) assistente social em questão.CFESS, 2012.

RUIZ,Jefferson. L. S. ; SALES, Mione, A (org.). Mídia, Questão Social e Serviço Social São Paulo, Cortez, 2009.

SESSIONS, GLENN. Avaliação em HIV-AIDS: Uma perspectiva internacional.IN: Coleção ABIA, Fundamentos da Avaliação,nº2. ABIA, Rio de Janeiro, 2001.

VASCONCELOS, Ana Maria. Serviço Social, Projeto Profissional e Relato de experiência. 15 Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2016, Olinda.